

Sem solução para os alagamentos

Os temporais das últimas semanas evidenciaram um problema conhecido da população, a insuficiência da rede de captação de águas pluviais. Projeto do governo que pretende amenizar os danos aguarda liberação do TCDF

» HELENA MADER

Depois de duas semanas de chuva e alagamentos em vários pontos da cidade, os brasileiros terão um fim de semana com céu claro e muito sol. Mas para quem vive em áreas de risco ou sem projeto de urbanização, o medo dos temporais é constante. Apesar de ter uma geografia favorável, com muitos terrenos planos, assim como muitas cidades brasileiras, Brasília não está preparada para as fortes chuvas registradas no início do mês. Dos 10 mil quilômetros de asfalto construídos nas vias urbanas de Brasília, apenas 23% têm redes de captação de águas das chuvas. As avenidas que não contam com esse sistema ficam mais expostas a inundações durante os temporais. A falta de um sistema de drenagem pluvial deixa capital mais suscetível a inundações e também pode causar danos ambientais.

A expectativa dos brasileiros é que, com a chegada da seca, o governo acelere o início das obras de melhorias na rede de captação. Não há, no entanto, nenhuma previsão para o começo dos trabalhos. O Programa Águas do DF — que prevê investimentos de US\$ 200 milhões (cerca de R\$ 352 milhões) — depende de liberação do Tribunal de Contas do DF para ser implantado. Enquanto isso, funcionários da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) tomam providências paliativas, como a limpeza e o monitoramento das bocas de lobo e das galerias de águas pluviais.

Além dos problemas burocráticos, a melhoria do sistema de drenagem esbarra ainda em uma questão política. O custo de uma obra de captação em uma determinada área é equivalente à pavimentação do mesmo trecho. Normalmente, as autoridades preferem gastar os recursos com construções que possam ser vistas pela comunidade, como o asfalto. A construção de galerias para a chuva, apesar de essencial, não é percebida pela população e, portanto, é preterida nos cronogramas de obras públicas.

Além disso, outro ponto contribui para o déficit do sistema de drenagem em Brasília: a falta de planejamento urbano. Como nos últimos 20 anos a cidade cresceu sem organização, a infraestrutura dos novos parcelamentos foi feita pelos próprios moradores. Em muitas áreas, como em Vicente Pires, as ruas foram pavimentadas, mas o sistema de drenagem não atende o volume de asfalto construído. Com isso, a água da chuva fica retida no solo, desgastando a pavimentação, causando alagamentos e erosão.

Em Taguatinga, os moradores evitam determinadas vias em dias de chuva. Sabem que a inundação é praticamente inevitável, por mais fraca que seja a precipitação. A Avenida Samdu é um dos pontos críticos. Na região da QNL, há pontos em que a água sobe a até um metro de altura. Na área próxima ao Buritinho, nas quadras QNG, também é

Daniel Ferreira/CB/D.A Press



Na EPTG, os motoristas já se acostumaram com a falta de escoamento

Agressão ao verde

A falta de captação correta de água da chuva pode causar a contaminação dos mananciais de abastecimento público. Além disso, pode acarretar até o desequilíbrio de ecossistemas, erosão e a contaminação do solo.

difícil circular quando a cidade é castigada por um temporal. “Já reivindicamos melhorias, mas ninguém investe. Perto do Estádio Serejão, quando chove muito, nem o Metrô consegue passar. É complicado”, critica o presidente da Associação de Moradores de Taguatinga, Geraldo Inácio Patriota.

Ceilândia também sofre com as chuvas. Na cidade, há vários pontos de alagamento, além do problema da erosão. Quando a água não é absorvida pelo solo, segue pelas ruas, ganha velocidade e acaba desgastando o solo, formando grandes crateras. No condomínio Privê e nos parcelamentos Sol Nascente e Pôr do Sol — todos construídos irregularmente — a comunidade convive com essa realidade e aguarda ansiosamente pelas obras de drenagem pluvial.

Jogo de empurra

O presidente da Associação Comunitária de Ceilândia, Edson Siqueira, conta que há três pontos críticos na cidade. O primeiro está localizado em frente às quadras QNM 5 e 6. A pista que liga o Setor O ao P Norte também alaga com frequência. “Não precisa cair um dilúvio, basta qualquer chuvinha”, reclama Edson, destacando que a região próxima à Feira do Produtor de Ceilândia também sofre com os alagamentos. “O governo fica num jogo de empurra e quem sofre são os moradores”, acrescenta o líder comunitário.

O secretário de Obras, Jaime Alarcão, explica como o governo pretende aplicar os recursos do Programa Águas do DF. “Os locais que terão prioridade na destinação de recursos serão a Asa Norte e Taguatinga”, afirma Jaime. Na Asa Norte, o governo vai construir o sistema do eixo 2, que vai da quadra 902 à 602, e o das quadras 10. Em Taguatinga, os pontos mais urgentes são as avenidas Comercial, Samdu e Hélio Prates. Dos US\$ 200 milhões previstos, US\$ 140 milhões virão do GDF e US\$ 60 milhões serão financiados pela Corporação Andina de Fomento, uma entidade financeira internacional.

Além de captar a água da chuva, o projeto prevê a redução do impacto ambiental. Isso porque toda água pluvial será direcionada para uma bacia de contenção, que vai reter toda a lama e o lixo. “Isso será uma inovação. Vai resolver os problemas recorrentes de alagamentos e também protegerá nossos mananciais e o Lago Paranoá”, garante o secretário de Obras.

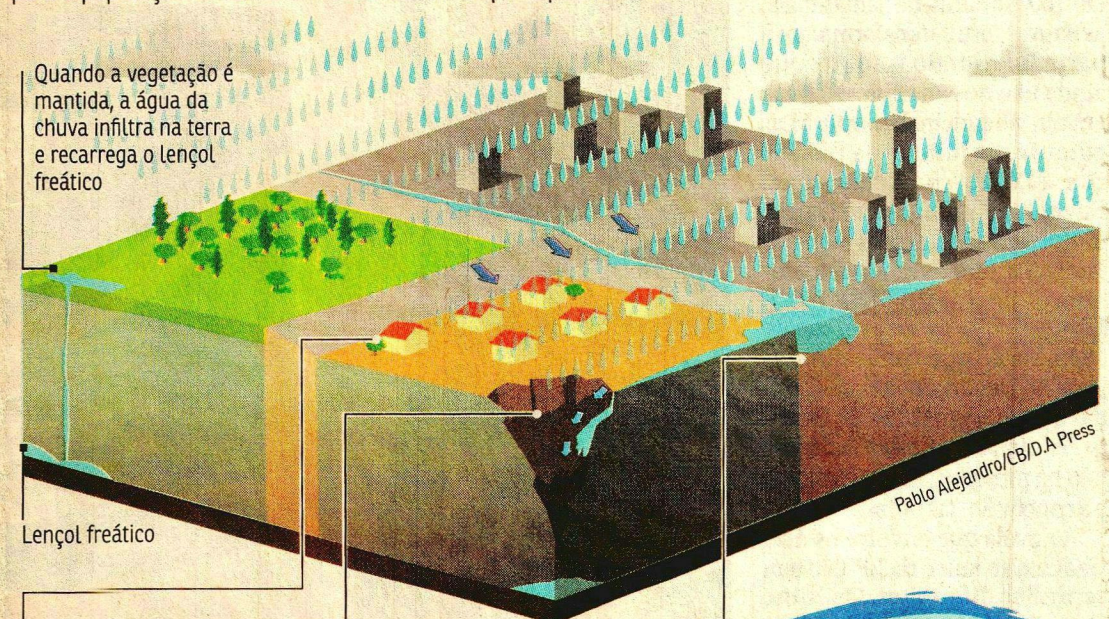
Jaime Alarcão explica ainda que, atualmente, o GDF só pavimentava vias que já contam com o sistema de drenagem, mas afirma que nem sempre foi assim. “Muitos governantes preferiram fazer mais asfalto e dispensaram a construção de redes de captação. Mas sem a destinação correta para a água da chuva, a pavimentação tem durabilidade menor e o gasto acaba sendo bem maior”, explica o secretário.

O engenheiro João Paulo Souza Silva, do Centro Interdisciplinar de Estudos em Transportes da Universidade de Brasília, lembra que o funcionamento adequado dos sistemas de drenagem minimiza os problemas no trânsito. “Ele contribui para uma maior segurança dos usuários das vias públicas”, garante.

Outro risco das inundações são os prejuízos econômicos, como a inundação de casas ou o tempo que as pessoas perdem paradas no trânsito. “Os problemas econômicos têm impactos tanto para o poder público, com desgaste do pavimento e quedas de sistema de iluminação, como para a comunidade, com danos em veículos e materiais”, finaliza o especialista da UnB.

Caminho das águas

A falta de captação das águas da chuva já provoca prejuízos ambientais e transtornos para a população. Entenda como acontecem os principais fenômenos



Quando a vegetação é mantida, a água da chuva infiltra na terra e recarrega o lençol freático

Lençol freático

Pablo Alejandro/CB/D.A Press

1 Crescimento desordenado

A ampliação das cidades, os condomínios irregulares e as invasões agravam o problema do esgotamento das águas da chuva. Nesses locais, o solo está impermeabilizado por ruas, casas, calçadas e quintais cimentados. Resultado: a água não infiltra e corre com força até um ponto mais baixo da topografia.

2 Erosões e voçorocas

A falta de redes de drenagem para as águas da chuva é capaz de provocar danos ambientais. Entre os piores estão os processos erosivos. Desde os sulcos, pequenas ranhuras com até cerca de 50cm, até as voçorocas, imensos buracos ou fendas com tamanho medido em metros. Os processos de erosão causam danos à qualidade e à quantidade de água disponível para os mais diversos usos.

3 Alagamentos

Na Asa Norte, na Asa Sul e nas principais vias de Taguatinga, a rede de captação já não consegue dar vazão às águas da chuva. A impermeabilização do solo aumentou nos últimos anos — novos prédios e novas casas foram construídos e as áreas verdes não foram respeitadas. Nesses locais, as manilhas (canos que fazem a captação) precisam ser ampliadas para dar conta do volume d'água que recebem.